

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E
GÊNEROS – GEPEM
19 a 21 de novembro de 2019
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Área Temática 6 - Gênero, Corpos, Sexualidades

**PARA ALÉM DO ARCO-ÍRIS: A RELAÇÃO DOS
HOMENS GAYS COM A CULTURA MATERIAL NA 18°
PARADA DO ORGULHO LGBTI DE BELÉM**

José Carlos Almeida da Rosa
Universidade Federal do Pará
Fabiano de Souza Gontijo
Universidade Federal do Pará

Resumo

Estudar os objetos que fazem parte das sociedades na contemporaneidade é um assunto que nos ajuda a compreender de que forma a cultura material está presente na vida dos atores e a partir disso cria conexões, fortalece a ideia de pertencimento a um determinado grupo social e, conseqüentemente, ajuda no processo de sociabilidade entre os sujeitos. Isso se torna ainda mais complexo quando observamos as coisas relacionadas às categorias de sexualidade. Deste modo, esta pesquisa decorre de uma etnografia realizada na 18ª Parada do Orgulho LGBTI de Belém e tem como propósito analisar objetos como: vestimentas, sapatos, marcas, cortes de cabelo, acessórios, entre outras materialidades que foram observados durante o evento e que compõem o universo do homem gay belenense. O estudo parte do conceito de agência que estas coisas possuem sobre os corpos dos atores e em outros indivíduos homossexuais, influenciando, assim, as suas relações sociais existentes dentro do movimento. Os dados que serão apresentados no decorrer deste ensaio são preliminares de uma pesquisa que está em andamento.

Palavras-chave: Sexualidade; Homem Gay; Cultura Material; Agência; Sociabilidade.

Abstract

Studying the objects that are part of contemporary societies is a subject that helps to understand how cultural material is present in the lives of actors and from that creates connections, strengthens the idea of belonging to a particular social group and, consequently, helps in the process of sociability between the subjects. This becomes even more complex when we look at things related to the categories of sexuality. Thus, this research stems from an ethnography performed at the 18th LGBTI Pride Parade in Belém and aims to analyze objects such as: clothing, shoes, brands, haircuts, accessories, among other materialities that were observed during the event and that make up the Belenian gay man universe. The study starts from the concept of agency that these things have over the bodies of actors and other homosexual individuals, thus influencing their existing social relations within the movement. The data that will be presented during this essay is preliminary to an ongoing research.

Keywords: Sexuality; Gay Man; Material Culture; Agency; Sociability.

Chegando na Parada do Orgulho: considerações iniciais

Ao som do hino nacional que foi interpretado à capela, em uma tarde de domingo quente e ensolarada, a partir do uso de discursos que ecoavam em uma das principais avenidas da cidade de Belém, contra a atual conjuntura de uma política conservadora e preconceituosa que se perpetua no Brasil, iniciou-se mais uma Parada do Orgulho LGBTI na capital paraense, que neste ano de 2019 trouxe como tema a questão da dificuldade da empregabilidade para os atores sociais pertencentes ao movimento, com um foco principal voltado para pessoas travestis e transexuais, os quais ainda têm o caminho da prostituição como a sua principal forma de sobrevivência.

Neste primeiro momento, ainda na concentração da manifestação, observei os atores sociais que ali estavam, confraternizando uns com os outros, mas também atentos às palavras que eram proferidas por pessoas que estavam em cima do primeiro trio-elétrico, próximo à rua Vinte e Oito de Setembro, e que geravam gritos e palmas de aprovações ao que estava sendo dito. Percebi que naquele instante o que ocorreu foi como uma espécie de catarse coletiva ou “(...) uma sensibilidade possível a certas pessoas que, mesmo sem se conhecerem, partilharam, num tempo-espaço dado, de um mesmo processo cognoscente, ou melhor, de uma teia intersubjetiva de sentidos e de estruturas, formas, de sentir” (CASTRO, 2015, p 104).

Desde já, ressalto que ao longo do texto irei contribuir com algumas impressões e afetações que tive no decorrer do evento enquanto um observador participante, pois elas ajudarão a compor um melhor cenário de onde parto neste estudo etnográfico e também uma compreensão mais fácil dos relacionamentos que ali se faziam presentes uma vez que entendo que “esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los” (FAVRET-SAADA, 1990, p. 159).

O que chamou minha atenção foi a forma com que aqueles sujeitos estavam vestidos e faziam o uso de acessórios, algo totalmente diferente do que pensava que encontraria antes de chegar pela primeira vez em uma “Parada Gay”, no qual a imagem que tinha na cabeça era de que os indivíduos que participavam iriam com trajes que faziam alusão às cores que compõem a bandeira do movimento com bastante brilho/*glitter*, outras com fantasias que fazem referência ao fetichismo sexual comum no universo gay, como é o caso dos homens com corpos musculosos só de sunga, e até mesmo cogitei que veria todos os tipos de transformistas que utilizam-se do lúdico e do extravagante para compor suas vestimentas e performances.

Porém, a realidade foi outra, a sensação que tive foi de que estava em um tradicional bloco de rua no período do carnaval, em que as pessoas que caminham e dançam pelas ruas atrás dos trios-elétricos usam trajes que são comuns no dia-a-dia da sociedade belenense. Deste modo, tampouco, aquela realidade remetia a ideia que eu tinha sobre uma parada gay relacionado a tudo o que já havia visto por imagens das manifestações nas outras capitais do Brasil, como em São Paulo, por exemplo. Todavia, compreendo que estamos lidando com realidades simbólicas e expressivas de vidas sociais bem diferentes e as pessoas agem a partir das suas percepções de mundo e das suas construções.

Após esse primeiro estranhamento, resolvi continuar a pesquisa de acordo com algo parecido que Fredrick Barth nos propõe a fazer quando estamos dentro de campo, no qual “devemos tentar olhar para nosso objeto de estudo sem que nossa visão seja excessivamente determinada pelas convenções antropológicas herdadas” (BARTH, 2000, p. 108). Então, prossegui a observação reunindo os dados que estavam fora de um estereótipo que tinha em mente antes de chegar ao local, mas que me direcionou a entender de forma mais profunda e clara quem é o homem gay belenense contemporâneo que participa do principal evento do movimento LGBTI na cidade. Assim, “a teoria e os conceitos antropológicos devem ser testados na análise da vida tal como ela ocorre em um determinado lugar do mundo. Qualquer lugar pode servir como provocação para desafiar e criticar a teoria antropológica” (BARTH, 2000, p. 108).

Durante a análise, consegui acompanhar uma conversa de duas pessoas que estavam ao meu lado na manifestação, uma delas (que chamarei de Rafael¹), comentou que bastava dar uma olhada ao redor que era perceptível que naquele local havia mais pessoas heterossexuais do que gays. Ao ouvir isso me questionei sobre como aquele homem tinha tanta certeza ao afirmar aquilo, em que ele se baseava para dizer se uma pessoa que estava ali era ou não homossexual, já que estávamos em um evento voltado, preponderantemente, para as pessoas que são referentes à sigla.

Só a partir desta conversa e das considerações que tive ao chegar pela primeira vez na Parada do Orgulho que surgiu a inquietação para descobrir como as pessoas pertencentes ao movimento conseguiam reconhecer os seus pares a partir do uso da cultura material que estava presente naquela manifestação que era aberta para

¹ O interlocutor pediu para que não divulgasse o seu nome verdadeiro.

que toda sociedade pudesse participar, em que não havia um estereótipo definido que indicasse que um determinado ator social era ou não um homem gay.

Para conseguir responder essas e outras questões contei com a participação do rapaz que ouvi a conversa, o Rafael, que se identificou como uma pessoa gay, tem entre 25 e 28 anos, possui ensino superior, tem um corpo forte, não malhado, estava vestido no mesmo estilo de outros atores que estavam na passeata (short curto preto com desenho, camisa lisa simples e chinelos do modelo *slide/slider*²). Ele disse que todos os anos vai à Parada do Orgulho, porém neste ano achou o evento muito contraditório, se referindo tanto sobre as pessoas que estavam lá caminhando, quanto às situações políticas que envolveram a organização do evento.

A contribuição deste interlocutor foi fundamental para o desenvolvimento deste estudo, pois pessoas que já tiveram outras vivências com as manifestações anteriores “podem também supor, baseados na experiência passada, que somente indivíduos de determinado tipo são provavelmente encontrados em um dado cenário social” (GOFFMAN, 2009, p. 11).

Portanto, esta pesquisa objetiva fazer uma reflexão por meio das descrições que foram feitas a partir da técnica de observação em que, por vezes, parecem ser incoerentes em um primeiro momento dentro do campo, mas que organizadas e analisadas em conjunto com as conversas que ocorreram com o interlocutor após o evento, são de importância para a compreensão que se tem da ideia sobre o pertencimento dos indivíduos a um determinado grupo social por meio do uso dos objetos presentes dentro da Parada Gay de Belém e, com isso, conseqüentemente, entender também a facilidade que existe de ocorrer um processo de sociabilidade entre os atores com os seus pares, uma vez que eles criam uma relação com as coisas que funcionam como marcadores identitários/sociais que atuam diretamente sobre estes indivíduos e em seus relacionamentos.

O que não é visto mas está ali: uma questão de agência

Ao continuar acompanhando o diálogo que Rafael estava tendo com o seu conhecido durante a concentração da manifestação, o mesmo explicou que eles sabiam e sempre sabem quando um homem é ou não homossexual. Posteriormente, já conversando com o mesmo sobre a passeata, comentei que tinha escutado essa parte da sua fala e fiquei curioso sobre a afirmação que ele tinha feito com tanta certeza. Então, o interlocutor respondeu que existem várias expressões corporais,

² Chinelos com tiras horizontais no peito do pé.

elementos materiais, formas de falar, ações, entre outros exemplos que em alguns casos são perceptíveis e fáceis de conseguirmos identificar quando os sujeitos são gays, já em outras ocasiões, pode ocorrer que não seja algo visível para outros indivíduos, mas que sempre são fáceis de serem reconhecidos por outros rapazes homossexuais.

A partir dessa resposta, podemos compreender que os exemplos que o interlocutor dá para identificar outros homens gays trata-se do conceito de “fachada corporal” que está ligado “(...) aqueles que de modo mais íntimo identificamos com o próprio ator, e que naturalmente esperamos que o sigam onde quer que vá” (GOFFMAN, 2009, p. 31).

Entre os exemplos de funções/categorias presentes nesta fachada podemos citar questões relacionadas ao vestuário, aparência, atitudes, linguagem, gestos, olhares, determinadas marcas que os indivíduos usam, entre outros elementos que estão presentes, especificamente, no universo do homem gay e, conseqüentemente, provocam reconhecimentos e reações nos seus pares.

Diante disso, faço uma conexão com o pensamento de Alfred Gell (2005), que diz que as coisas são fontes de poder que exercem um agenciamento sobre os atores sociais, atraem o seu olhar por meio da tecnologia do encanto e com isso provocam reações nestes indivíduos dentro de um determinado contexto.

Ainda que o autor utilize este conceito de agência dentro do campo da antropologia das artes, o qual diz que um quadro age dentro de um ambiente e com as pessoas que com ele interage, conseguimos pensar esta mesma ideia a partir de outras perspectivas, como é o caso do poder de agenciamento/encanto da cultura material sobre os homens gays e dentro das suas relações interpessoais.

Para o autor, esse “encanto” trata-se,

de uma terminologia que quer expressar a premissa geral de que as sociedades humanas dependem do consentimento de indivíduos propriamente socializados por meio de uma rede de intencionalidades. Embora cada indivíduo busque (o que cada indivíduo assume ser) seu interesse próprio, todos esses indivíduos engendram algo a atender a necessidades que não podem ser compreendidas no nível do ser humano individual, mas somente no nível das coletividades e suas dinâmicas. (GELL, 2005, p. 45)

Logo, ao buscar a compreensão acerca dos objetos das pessoas que foram observadas dentro da Parada do Orgulho de Belém, deve-se considerar que não se trata de analisar os casos de forma individual, porque além de serem algo em comum entre os atores, eles funcionam e agem de forma conjunta dentro do grupo, quer seja

de modo consciente ou inconsciente, sobre os outros indivíduos. Essa “materialidade e agência funcionam simultaneamente e em registro não-dualista, pois pessoa e coisa encontram-se fundidas e é o resultado dessa interação que é capaz de “chamar a atenção” (MIZRAHI, 2007, p. 234).

Isso também pressupõe uma experiência que busca fazer parte do mundo da vida com o outro de forma natural, ou seja, é algo que possui um sentido dentro de um meio social. Portanto, uma vez questionado sobre a sua fala, Rafael só consegue dizer de forma enfática quem pode ser ou não considerado um homem gay, por causa das vivências que o mesmo já teve com as outras pessoas pertencentes ao movimento.

Essa perspectiva pode ser relacionada também ao conceito de sociação (*Vergesellschaftung*), o qual “é constituído pelos impulsos dos indivíduos, ou por outros motivos, interesses e objetivos; e pelas formas que essas motivações assumem” (SIMMEL, 1983, p. 21). Neste caso, o que ficou perceptível no discurso do interlocutor sobre as vestimentas e acessórios que os homens gays estavam utilizando no evento, foi uma reprodução de padrões que aos olhos de outrem provavelmente poderiam não ser perceptíveis, mas que para ele e para os outros homens gays que ali estavam, conseguiam se compreender enquanto pertencentes ao mesmo grupo, já que os objetos utilizados por eles possuíam um interesse do qual estes atores compartilham dentro de um determinado meio, que se transforma em uma prática social.

Desta forma,

A indumentária era uma espécie de pseudolinguagem que podia dizer quem éramos. Nessa condição, as coisas materiais eram adjuntos relegados ao estudo da linguagem, uma forma não falada de comunicação, capaz de dizer muito, se estivéssemos atentos a ela. (MILLER, 2013, p. 21)

De acordo com o depoimento do interlocutor, ocorre também a situação em que as próprias pessoas gays não conseguem se reconhecer enquanto pertencentes ao movimento por meio das coisas que utilizam, neste caso eles partem para uma espécie de “intuição”. Em casos como estes, “atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa” (BUTLER, 2003, p. 194).

Sobre a dificuldade deste reconhecimento a partir de uma cultura material, podemos considerar o termo “humildade das coisas”, do autor Daniel Miller (2013), no

qual determinados símbolos são tão camuflados, invisíveis e periféricos aos olhos humanos que, por vezes, passam imperceptíveis dentro da sociedade. Com isso, o papel que estes objetos exercem no cotidiano e nas relações das pessoas não chegam a ser questionados. Quando ocorre casos como estes compreende-se que quanto maior for o silêncio dos objetos no meio social, maior é o seu poder de atuação, pois aquela coisa já é vista como algo naturalizado entre os indivíduos.

Essa questão da invisibilidade das coisas referentes aos atores dentro do evento pode então ser considerada e explicada também, porque a “fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, 2009, p. 29).

No momento em que o interlocutor diz que em certos casos o que ocorre é uma forma de intuição no reconhecimento dos seus pares, na verdade trata-se de um agenciamento dos objetos que não é possível observar de forma tão clara como em outros casos, mas que estão ali, mesmo que de maneira mais modesta, dependem de uma certa experiência e atenção do olhar do outro.

Nos próximos tópicos discutiremos de forma mais detalhada o agenciamento que os objetos dos indivíduos presentes no evento tiveram sobre outros atores e dentro das suas relações.

Coisas que falam?

No decorrer da conversa, o interlocutor deu alguns exemplos de tipos de vestuários e calçados que são frequentes dentro do *closet* do homem homossexual e que contribuíram para que ele conseguisse reconhecer outros homens gays na Parada do Orgulho. Dessa forma, a preferência pelo uso de tais coisas podem ser explicadas porque “a ênfase encontra-se na ação humana, no fato de o indivíduo escolher, dentre uma infinidade de objetos, aqueles mais bem capazes de representar sua identidade social” (RIBEIRO, 2013, p. 346).

Um dos elementos que o Rafael citou foram os shorts de pano ou tactel³, que são bem curtos (mais ou menos ficam um pouco acima dos joelhos ou no meio das coxas), possuem diversas cores, estampas e, normalmente, ficam bem justos nos corpos desses homens. Segundo ele, esta indumentária possui um estilo vintage dos anos de 1970-1980 e os gays da atualidade costumam usar bastante nas festas alternativas e LGBTI que o mesmo frequenta.

³Tecido feito com fibras sintéticas.

De acordo com isso, podemos considerar que em um ambiente que contém muito calor, música para dançar e agitação como é o caso da Parada Gay, esse tipo de peça torna-se algo essencial pois possibilita que os atores se movimentem de maneira mais confortável, façam seus passos sensuais e sincronizados descendo até o chão com mais facilidade ao som dos ritmos que exigem uma maior flexibilidade dos indivíduos, como é o caso do “funk”, “brega-funk” e algumas músicas “pop”, estilos estes que foram tendência durante toda a passeata.

A partir disso compreende-se que “a relação entre o artefato e o seu usuário envolve uma consideração da materialidade do primeiro em relação ao corpo do segundo. (...) Trata-se de um corpo em movimento e inserido em um contexto específico de dança” (MIZRAHI, 2007, p. 234). No qual, estes materiais e os corpos dos atores naquele momento se integraram em um só movimento e juntos realizaram um jogo de perfeita combinação e conexão.

Além de ser um tipo de roupa apropriada para o evento por conta do clima quente que estava na cidade e também por promoverem uma leveza, maior elasticidade e mais praticidade para que os indivíduos conseguissem realizar os seus movimentos corporais sensuais, esses shorts também carregam uma simbologia e intencionalidade sexual tanto para quem está usando, pois pelo fato de serem bem curtos e justos aos corpos, valorizam e realçam as pernas e os glúteos desses atores, como também provocam sensações no outro que observa enquanto os indivíduos dançam sensualmente.

Algo que percebi em relação a esta indumentária, é que a maior parte dos homens que estavam usando-a tinham corpos magros e/ou malhados, possuíam pernas com formas e contornos bem definidos e, normalmente, seus membros inferiores estavam completamente depilados. Aqui é necessário enfatizarmos que estes corpos são símbolos culturais e efeitos de uma dinâmica de poder que atuam de forma direta no processo de sociabilidade, já que por si só são geradores de códigos comunicativos.

Um fato curioso que chamava a atenção de quem percebia, é que alguns atores que estavam sem camisa e utilizavam estes estilos de shorts, faziam questão de mostrar que por baixo deles usavam cuecas do estilo *jockstrape*⁴, modelo este perceptível porque eles deixavam apenas o elástico da cueca aparecer um pouco mais acima dos shorts e não era possível ver a continuação da parte do tecido de trás da

⁴ Modelo de cueca que é aberta na parte de trás, originalmente ela foi criada para proteger os testículos e os pênis dos atletas que praticavam esportes como o rugby, por exemplo. Com o passar do tempo esses modelos se tornaram populares dentro do mundo gay.

indumentária. Assim, quem conhecia ou não tal peça, sabia que havia um interesse por trás daquela vestimenta que por si já repassava uma mensagem. Essa situação, ao longo de toda a passeata, foi o exemplo de objeto mais próximo que pude perceber que passava a ideia de que uma Parada Gay contava com elementos que remetiam ao apelo do universo erótico.

Neste tipo de exemplo, ficou bastante claro o poder de agência que esta peça provocou sobre os outros atores naquele contexto, por mais sutil que elas pudessem estar ali (haja visto que estes homens não estavam com as suas bundas para fora, apenas o elástico estava a mostra), o vestuário chamava atenção de quem passasse por perto, algumas pessoas riam, outras se assustavam, uns ficavam apenas observando de forma curiosa, tiveram pessoas que olharam com repúdio, alguns com segundas intenções, já em certas ocasiões surgiam comentários com quem estava ao lado, entre outras reações.

Destarte, percebe-se que esta peça naquele contexto possuía um forte poder de atração e provocava sensações em outros atores, quer seja pelas experiências que eles já poderiam ter tido com a mesma, quer pelo jogo simbólico de erotização e fetichismo que estava contido ali ou apenas voltado para um lado mais cômico e de repúdio. O que é importante salientarmos aqui, é que tanto quem observava, como quem também estava usando a vestimenta, foram agenciados por aquele objeto. No caso dos atores que a vestiram, o agenciamento ocorre desde o momento em que eles escolhem colocar a peça em um determinado evento que por si só possui um peso voltado para uma sexualização no imaginário popular. Assim, podemos considerar que estes atores,

Às vezes, agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter. Outras vezes, o indivíduo estará agindo calculadamente, mas terá, em termos relativos, pouca consciência de estar procedendo assim. Ocasionalmente, irão se expressar intencional e conscientemente de determinada forma, mas principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão, e não por causa de qualquer resposta particular (que não a de vaga aceitação ou aprovação), que provavelmente seja despertada naqueles que foram impressionados pela expressão. (GOFFMAN, 2009, p. 15)

Um outro exemplo que podemos observar sobre uma expressão intencional e consciente dentro da manifestação, trata-se de duas características que particularmente me chamaram atenção, primeiro o fato de que a maior parte dos

homens estavam com as sobancelhas muito bem desenhadas de diversos modelos: arqueadas, arredondadas, reta com risco nas pontas, reta curvada na ponta, entre outras formas (inclusive, o interlocutor que conversei também possuía uma sobancelha com design arqueada); e segundo, é que eles usavam camisas com o nome de grifes internacionais caras e conhecidas de forma bem destacada.

Deste modo, em relação a essas vestimentas, é necessário considerar que mesmo que as peças não fossem trajes originais das marcas estrangeiras, aparecer o nome delas nas camisas com um certo realce funcionava como um sinônimo de chamar atenção dos outros que estavam no evento pelo valor econômico e social que elas carregam dentro da nossa sociedade contemporânea capitalista.

Naquele momento, em meio a uma multidão de pessoas, estar com uma peça com o logotipo grande da *Louis Vuitton*, *Dolce & Gabanna* e *Gucci*, por exemplo, seria uma forma que os atores poderiam ser vistos com mais facilidade por outros indivíduos por transmitirem a ideia de possuírem uma posição socioeconômica elevada dentro de uma manifestação que era pública e que contava com a participação de pessoas de diversas classes sociais.

De acordo com as vestimentas e suas relações com os sujeitos, Daniel Miller (2013) nos diz que devemos compreender que o que está sendo visto é apenas o que está externo aos atores sociais, logo, essas roupas nada mais são do que uma constituição das pessoas, ou seja, esses objetos formam as suas identidades, funcionando como a construção do “eu” e não, necessariamente, condiz com as realidades desses indivíduos.

Tudo isso chega a ser curioso, porque ao mesmo tempo que essa aparência de um “status econômico” estava presente nas camisas, em relação aos calçados dos atores era perceptível que eles não ligavam muito em manter esse padrão socioeconômico, pois, majoritariamente, estavam usando sandálias de borracha (estilo havaiana, mas que em alguns casos não era da marca original), ou chinelos do tipo *slide/slider*, que foi sucesso na década de 1990 e agora também é tendência no meio desses atores.

Outrossim, o interlocutor chamou atenção para o grupo de rapazes que estavam usando sapatos de marcas caras como: o *Tênis Old School Vans*, *Nike*, *Cavalera* e chinelos de couro, em contrapartida, eles trajavam bermudas de cores mais escuras, na altura dos joelhos, camisas ou camisetas simples, de uma única cor e coladas em seus corpos, sem a necessidade de destacar a marca de grifes

estrangeiras, ficando assim, o propósito de que apenas os seus braços musculosos chamassem atenção no evento.

Neste caso, percebe-se que para esses atores o que mais importava era que seus corpos fossem percebidos e que as suas peças ficassem em um segundo plano, passando o mais invisível o possível e, neste ponto retomo a discussão sobre o conceito de humildade das coisas trabalhado por Daniel Miller (2013), que por mais imperceptíveis e menos chamativas que elas pudessem parecer aos olhos do ator que as usava e do outro que estava participando da Parada, essas peças acabaram exercendo um forte agenciamento para ambas as partes. Primeiro, no momento em que o dono da vestimenta a escolheu, pois havia uma certa intenção, consciente ou não, em preferir peças que evidenciasse os seus braços malhados e, segundo em quem viu esse ator com a indumentária, considerando que foi atraído justamente pelo fato delas serem justas aos corpos destes indivíduos e chamavam atenção para o que eles queriam que fosse visto naquele momento.

De acordo com o interlocutor, no universo gay há um “cuidado” maior em relação a escolha de suas roupas. Isso ocorre porque os homens homossexuais se preocupam um pouco mais com a imagem que pretendem passar e com a estética de seus corpos que eles pretendem mostrar. Em suma, casos assim podem ser compreendidos como uma aparência estereotipada desses homens, em que “provavelmente não são hereditárias, mas meras expressões da reação do corpo a condições externas, sujeitas a novos ajustamentos, sob novas condições” (BOAS, 2010, p. 91).

Além de uma aparência padronizada do homem gay que ganha novos ajustamentos com o passar do tempo, a cultura material também se renova e se ressignifica dentro de novas condições e contextos em que estão inseridas. Esta “modernização” das coisas foi possível observar dentro da Parada do Orgulho e iremos discorrer mais sobre este tema nos próximos tópicos.

O que há por trás de um “simples” acessório? O mercado rosa e as “coisas gays”

Já no entardecer durante o percurso da manifestação ao longo da Avenida Magalhães Barata rumo ao Mercado São Brás, alguns detalhes que eram mais minuciosos em relação aos outros, chamaram tanto a minha atenção como quem estava ao redor, essas pessoas que passavam ficaram observando de forma curiosa e até mesmo revelando um certo estranhamento.

O que mais me provocou uma certa indagação não foram os objetos em si, ainda que entenda que naquele ambiente eles tinham um poder de agência bem forte, haja visto a nossa admiração ao vê-los, porém mais intenso que isso, foi perceber a forma com que eles estavam sendo usados pelos participantes, ou seja, a composição do conjunto como um todo.

Esse foi o caso dos rapazes que possuíam características compreendidas como “masculinas” no jeito como se expressavam, estavam vestidos com roupas que podemos designar como “voltadas para o público masculino”, conforme os exemplos que foram descritos no item anterior, porém em alguns casos, estes atores estavam com objetos e símbolos que normalmente são reconhecidos como “pertencentes ao universo e aos corpos femininos”, como por exemplo, o uso dos longos cílios postiços, as unhas grandes pintadas e as maquiagens bem produzidas (no caso da maquiagem mais simples, o interlocutor salientou que no momento a tendência entre os gays era o uso do *Lip Tint*⁵). Haviam também os atores que estavam utilizando os três itens ao mesmo tempo, porém seguiam com peças de “roupas masculinas”.

Foi justamente esta composição de união de elementos referente aos “dois mundos”, masculino e feminino, que faziam com que estes atores fossem percebidos por meios das coisas das quais não estão presentes e não são comuns de serem vistos no cotidiano social. É importante salientar também a relação que estes atores possuíam com esses objetos, que parecia ser algo bem natural pela forma confortável com que eles estavam se relacionando com eles.

De acordo com o interlocutor, tal composição de vestimenta com o uso desses acessórios são mais comuns de serem vistos em locais que são especificamente para o público LGBTI. O mesmo relatou também que ainda que tais eventos fossem voltados para o público gay, esse tipo de atitude sempre chamava a atenção de outros atores gays, seja de forma positiva ou não, alguns ainda julgam essas pessoas com um olhar de reprovação e inferioridade dentro do próprio movimento.

A partir desta fala do ator sobre o julgamento que ocorre com as pessoas gays dentro do próprio movimento, podemos fazer uma ligação com o pensamento de Judith Butler (2002) que diz que os corpos que importam desempenham um poder dentro da sociedade e, portanto, não podem ser vistos como algo separado das normas que regulam e governam a materialidade baseada em um pensamento heteronormativo, como uma prática social de repetição contínua.

⁵ Um tipo de batom versátil feito a base de líquido, gel e óleos.

Assim, para que esses corpos passem a importar de maneiras diferentes, é necessário que haja uma ruptura com essa materialidade no que se entende enquanto uma oposição masculino/feminino binária, assim como ocorrer a ocupação de novos espaços, principalmente, dentro do meio em que eles costumam socializar.

Sobre a questão que relatei do estranhamento de homens utilizando coisas que são relacionadas ao “universo feminino”, é necessário refletirmos que por trás de todo este discurso há uma relação de poder imposta por uma sociedade que é construída baseada em práticas reguladoras heterossexuais que são constantemente reforçadas em nosso cotidiano e ao mesmo tempo excludentes, como é o caso dos estigmas que estes atores sofrem por atribuímos gêneros aos objetos. Diante disso, Butler nos diz que,

a “coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas. Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (2003, p. 38)

Atentas a essa discussão sobre roupas sem gênero, algumas marcas já tem se posicionado e abolido o conceito de roupas e acessórios que são feitas exclusivamente para homens ou para mulheres, os próprios desfiles de modas como foi o caso da 47ª *São Paulo Fashion Week* (SPFW), trouxe para as passarelas discussões sobre representatividade racial e de gênero⁶.

A partir dessa mudança do olhar mercadológico sobre a necessidade de se repensar a moda a partir dos debates sobre as questões de gênero e também a atenção empresarial sobre o consumo das pessoas pertencentes ao movimento, torna-se necessário produzir pesquisas que venham compreender quem são estes consumidores que cada vez mais ganham espaço e poder de compra, porém mais que isso, é fundamental entender que,

Embora o Estado e os movimentos sociais sejam as esferas a partir das quais tradicionalmente pensamos o fazer político, é preciso lembrar que as esferas do mercado e do consumo também constituem cenários públicos em que nossa capacidade de agência e

⁶ Ver mais em “SPFW aposta em marcas sustentáveis e sem gênero”. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/liquidacao-cia/spfw-2019-marcas-sustentaveis-sem-genero/> Acesso em: 18 de novembro de 2019.

ação política é exercida, independentemente de aderirmos ou não a noções como “sociedade do consumo”. Nessas esferas, também se negociam direitos, disputam-se significados, enfrentam-se ou reforçam-se desigualdades. (FACCHINI; FRANÇA; BRAZ, 2014, p. 123)

Também é importante atentarmos ao fato que as empresas têm percebido que o *pink money*⁷ têm movimentado bastante o mercado⁸ nos últimos tempos e com isso gerado um aumento de produtos e campanhas publicitárias voltadas para determinados nichos. Logo, é fundamental considerar que “o discurso publicitário não é uma prática atemporal. Como todo gênero discursivo, a publicidade possui uma história e se inscreve nas mutações de um corpus econômico e social.” (RIBEIRO, 2013, p. 344).

Fazendo uma conexão com isso, foi interessante observar dentro da Parada do Orgulho como os acessórios de décadas passadas retornaram e viraram tendência novamente, um dos exemplos que o interlocutor mencionou o qual ele conseguia reconhecer um outro homem gay, foi por causa do uso das pochetes que foram fenômeno na década de 1990. Dentro do evento, por exemplo, era possível identificá-las nos mais variados tipos e cores. Uma observação curiosa a ser feita, é que diferente dos anos 90 que elas eram utilizadas nas cinturas das pessoas, agora elas ficam de forma transversal no tórax dos rapazes.

De acordo com Rafael, o uso desse acessório é indispensável na composição da vestimenta desses atores contemporâneos, pois além de ser algo que está na moda, é também prático pois eles conseguem levar tudo o precisam dentro dela, como: celular, carregador, carteira com dinheiro e documentos, chaves, maquiagem, lenço, perfume, cigarros, entre outros materiais que, segundo o interlocutor, são importantes ter em mãos quando se está fora de casa; o mesmo continuou dizendo que estas pochetes são fundamentais, pois objetos que antes ficavam em seus bolsos não são mais perdidos de forma fácil enquanto dançam na balada, assim também como não são mais furtados, porque como elas ficam transpassadas em frente aos seus peitos evita que outras pessoas levem seus pertences sem que percebam.

⁷ O “dinheiro rosa” descreve o poder de compra das pessoas pertencentes ao movimento LGBTI que consomem produtos e serviços de marcas voltados especificamente para o grupo.

⁸ Ver mais na matéria “Marcas investem no mercado LGBTI, que movimentou US\$ 3,6 trilhões em 2018”. Disponível no portal do jornal O Globo: <https://oglobo.globo.com/economia/marcas-investem-no-mercado-lgbti-que-movimentou-us-36-t-rilhoes-em-2018-23757617>. Acesso em: 08 de novembro de 2019. E ainda, “Negócios voltados para o público gay fazem sucesso e dinheiro”. Disponível no site G1 Economia: <https://g1.globo.com/economia/pme/pequenas-empresas-grandes-negocios/noticia/2019/01/06/negocios-voltados-para-o-publico-gay-fazem-sucesso-e-dinheiro.ghtml>. Acesso em: 08 de novembro de 2019.

Considerando que trata-se de um produto unissex, perguntei para o interlocutor se os homens gays tinham uma preferência por cor ou modelo dessas pochetes que serviria como um código para que eles se reconhecessem enquanto pares, o mesmo respondeu que não existiam modelos ou cores exatas, mas que eles costumavam usar as coloridas que melhor combinasse com as suas roupas.

Diante do depoimento dele, percebo que esse acessório funciona como uma extensão das suas vestimentas e dos seus corpos, uma vez que eles as usam conforme o tom de suas roupas e coladas ao seus peitos, neste caso também podemos perceber um exemplo de agenciamento das coisas sobre outras coisas.

Assim, compreendemos que estes objetos e os seres humanos não podem ser estudados separadamente, porque são construídos de forma mútua e não devem ser considerados como algo superficial, uma vez que eles exercem em “nós o que pensamos ser” (MILLER, 2013, p. 22-23). Sobre estes materiais que voltam a compor o armário do homem gay e os ajuda no processo de pertencimento dos pares, é importante analisar como eles tem se resignificado na contemporaneidade, considerando a própria intencionalidade que carregam, os seus valores e memórias.

O “picumã” do poder

Procedendo a discussão sobre estilos que são referentes a décadas passadas e viram tendências nos dias de hoje, nesta última seção abordarei uma característica que está presente na vida da maioria dos homens gays e que talvez possa ser um dos símbolos mais importantes dentro de toda a composição da aparência deste ator, trata-se do seu cabelo, também conhecido como “picumã”⁹, segundo o interlocutor.

A forma que compreendi enquanto fazia a pesquisa dentro do evento, é que a ligação e a relação daquelas pessoas com os seus cabelos era bastante forte, passava a impressão de algo relacionado a um dispositivo de poder que se misturava em meio às jogadas de cabelo que ganhavam vida e, aparentemente, faziam parte dos passos das coreografias dos rapazes que dançavam com as jogadas de cabeça para um lado e para o outro, como também ajudava na hora da conquista por meio da leve “passada de mão” nos fios de forma sutil, mas que por trás havia uma certa insinuação. Assim, podemos relacionar esses cabelos como uma

Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e

⁹ Significa cabelo na linguagem utilizada por gays.

outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. (FOUCAULT, 1988, p. 89)

Segundo Rafael, os cortes de cabelo geralmente são diversificados, porém existe um estilo que é quase como um padrão do homem gay que são os cabelos raspados apenas nas laterais e a franja na frente fica grande. Este modelo é conhecido como *undercut* e possui influência desde os tempos de *rockabilly*, dos anos de 1950.

Por meio deste corte, é possível que os atores utilizem-o de diversas formas, como: franja para o lado, por trás das orelhas, estilo topete, amarrados para cima, entre outros. Conforme foi possível observar durante a manifestação, normalmente este estilo é utilizado por pessoas que possuíam cabelos bem lisos.

Um outro exemplo que também percebi na diferença do uso dos cabelos pelos atores, é que a maioria dos homens mais malhados, aqueles que vão para desfilarem seus corpos bombados conforme descrevi nos tópicos anteriores, utilizavam um estilo degradê, que lembra um *undercut* porém sem a franja longa, e com a diferença que o corte funciona como uma sequência de tons contínuos limitados ou não. Uma singularidade é que os rapazes que utilizavam este corte, normalmente tinham barbas desenhadas, diferentemente dos que usavam o outro estilo que possuíam o rosto liso, sem pelos.

Em ambos os casos, naquele ambiente os modelos de cabelos assumiam um poder que estava presente de forma sutil naqueles corpos, mas que provocavam agenciamentos diferentes tanto em quem estava usando um certo modelo, como para o outro, chamando atenção seja em meio as coreografias de dança, como também na passada de mão entre os fios.

Considerações Finais

Em meio a agitação, o calor, o cheiro forte de fumaça de cigarro, alguns momentos de sufoco e corpos suados de todos os estilos se esbarrando, a Parada do Orgulho LGBTI é um exemplo de campo antropológico curioso e ao mesmo tempo desafiador, haja visto que naquele contexto é possível encontrar uma diversidade de atores que confraternizam juntos e em prol de uma mesma causa.

Observar a forma com que eles interagem e se reconhecem enquanto pares de um mesmo grupo social por meio dos objetos e com os objetos, por mais difícil e complexo que possa parecer em um primeiro momento, aos poucos vamos nos familiarizando com este mundo que está presente no cotidiano do belenense e ao

mesmo tempo nos desconstruindo de preconceitos que ainda fazem parte de uma sociedade que possui regras heteronormativas como práticas sociais a serem seguidas.

Diante de tudo o que foi visto, é interessante entender como estes atores se reconhecem enquanto gays por meio de objetos que muitas vezes passam despercebidos dentro do dia a dia dos indivíduos que residem na capital paraense (principalmente, para quem não faz parte do universo LGBTI). Porém, o mesmo não pode ser dito no caso dos homens que se consideram homossexuais, pois ficou claro no decorrer da conversa com o interlocutor e, partindo do início da concentração quando o mesmo diz para o amigo que eles sempre sabem quando outros rapazes são ou não gays, que tal reconhecimento parte por conta das suas experiências com outros atores pertencentes à sigla.

A partir desta fala, para entender melhor esse caso parti do conceito de agência trabalhado por Alfred Gell (2005), porém por meio de uma perspectiva no que tange o entendimento de cultura material que são, em primeira instância, dispositivos de poder que atuam de forma direta no processo de encantamento e sociabilidade entre os atores. Assim, busquei relacionar tudo o que tinha observado dentro de campo, as minhas afetações e estranhamentos, para que fosse possível descrever de forma mais verídica possível o cenário do principal evento do movimento social na cidade, junto ao olhar e a experiência que o interlocutor me proporcionou por meio de suas contribuições que foram fundamentais para um melhor entendimento sobre o campo e os conceitos que trabalho.

Importante enfatizar que este é um primeiro estudo que conta com dados preliminares de uma pesquisa que está sendo desenvolvida dentro do universo do homem gay belenense, porém a partir de outros espaços que envolve a relação da cultura material e o processo de sociabilidade por meio do conceito de agência.

Referências Bibliográficas

BARTH, Fredrick. A análise da cultura nas sociedades complexas. In: **o guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 107-119, 2000.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Trad, Celso Castro - 6.ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"**. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **Semiotical Blues: Artíficos da Temporalidade Nostálgica.** Revista Eco-Pós, v. 18, n° 3, p.103-115, 2015.

FACCHINI, Regina ; FRANÇA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. **Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos.** Cadernos pagu (42), p. 99-140, jan-jun, 2014.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **“Ser afetado”.** In: Cadernos De Campo, n° 13, p. 155-161, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GELL, Alfred. **A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia.** Concinnitas, 8 (1): p. 42-63. (Trad. Jason Campelo), 2005.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** 17 ed. - Petrópolis, Vozes, 2009.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MIZRAHI, Mylene. **Indumentária funk: a confrontação da alteridade colocando em diálogo local e o cosmopolita.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 231-262, jul./dez. 2007,

RIBEIRO, Magda dos Santos. **Por uma biografia das coisas: a vida social da marca Havaianas e a invenção da brasilidade.** Etnográfica, 17 (2): 341-368, 2013

SIMMEL, Georg. **Sociologia**(organizado por E. de Moraes Filho). São Paulo: Ática, 1983.